



TAIWAN

Xi alerta Biden a não brincar com fogo

Presidente chinês adverte colega norte-americano contra tentativa de mudar a política em relação à ilha. Líderes acordaram a realização de cúpula em data a ser definida. Casa Branca descarta alterações no status quo taiwanês

» RODRIGO CRAVEIRO

Por duas horas e 17 minutos, os presidentes das duas maiores potências do planeta conversaram de forma franca sobre a situação de Taiwan, ilha capitalista e democrática considerada por Pequim como parte do território da China. "Aqueles que brincam com fogo perecerão nele. Espera-se que os Estados Unidos estejam atentos a isso", alertou o presidente chinês, Xi Jinping, ao colega norte-americano, Joe Biden. Xi ressaltou que Pequim "firmemente se opõe à secessão visando a independência de Taiwan e à interferência externa". "Nunca permitiremos qualquer forma de espaço para as forças da 'independência de Taiwan'. Ainda segundo Xi, a posição do governo e do povo chineses sobre Taiwan tem sido consistente. "A salvaguarda resoluta da soberania nacional e da integridade territorial da China é a firme vontade de mais de 1,4 bilhão de chineses", avisou Xi.

Apesar da advertência da China, Biden tratou de contemporizar e garantiu que não houve alteração na política norte-americana em relação a Taiwan. Os dois líderes acordaram organizar o que seria a primeira cúpula presidencial desde a posse de Biden — a conversa telefônica de ontem foi a quinta reunião virtual entre ambos. Sob condição de anonimato, uma funcionária do governo dos EUA informou que, durante a ligação, Biden e Xi "falaram sobre o valor de se encontrar pessoalmente". Segundo ela, as respectivas equipes começaram tratativas para decidirem sobre o momento certo para o encontro.

Em comunicado oficial, a Casa Branca informou que a conversa telefônica com Xi "foi parte dos esforços do governo Biden em manter e aprofundar as linhas de comunicação entre os EUA e a China e em gerenciar, de

Potus/Twitter/Reprodução



Joe Biden conversa com Xi Jinping: quase duas horas e meia de esforços para aprofundar a comunicação e abordar temas de interesse mútuo

Sam Yeh/AFP



forma responsável, as diferenças, além de trabalhar as áreas em que os interesses se alinham". "Os dois presidentes debateram uma série de temas importantes para as relações bilaterais e outros assuntos globais e regionais, e encarregaram suas equipes de continuarem acompanhando a

conversa de hoje (ontem), em particular para abordar as mudanças climáticas e a segurança sanitária", afirma a nota. "Sobre Taiwan, o presidente Biden sublinhou que a política dos Estados Unidos não mudou e que os EUA fortemente se opõem a esforços unilaterais para mudar o status

Simulação de guerra

Sob a supervisão da presidente, Tsai Ing-wen, Taiwan concluiu, hoje, os exercícios militares anuais conhecidos como Hang Kuang. "Estou a bordo de um destróier para observar nossa Marinha e nossa Força Aérea em ação. A execução de uma série de exercícios de disparos reais me dá confiança na capacidade e na determinação de nossos militares em responderem a qualquer contingência", declarou Tsai, na última segunda-feira. Nos combates simulados, forças inimigas tentam capturar o Rio Tamsui, por meio de ataques pela terra e pela água. Em resposta, tanques e caças taiwaneses perseguem os veículos e as aeronaves do inimigo, enquanto tropas detonam explosivos para impedir o avanço dos invasores. Os testes militares de Taiwan ocorrem há 38 anos. Dessa vez, chamaram a atenção porque coincidem com o aumento de tensão entre a China e a ilha capitalista e democrática.

quo ou minar a paz e a estabilidade do Estreito de Taiwan."

Exibição de força

Sobrevivente do massacre da Praça da Paz Celestial, em 4 de junho de 1989, e opositor ao governo chinês, Fengsuo Zhou afirmou

ao **Correio** que Xi apenas repete a retórica beligerante. "Trata-se de uma exibição de 'força' normal voltada para o público chinês. Especialmente agora, quando Xi consolida o próprio poder às vésperas da 20ª assembleia do Partido Comunista Chinês", explicou. "Xi precisa exibir algumas

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Xi Jinping busca alguma legitimidade para a sua ditadura permanente. Por isso, ele busca aumentar as tensões com Taiwan. Mas, também, por causa da ascensão percebida da China totalitária contra o 'declínio' das democracias."

Fengsuo Zhou, sobrevivente do massacre da Praça da Paz Celestial e opositor ao governo da China

'façanhas' externas para justificar sua permanência no governo. A unificação de Taiwan é vista como um símbolo dessa ambição."

Para Fengsuo, a anexação de Taiwan sob a China comunista é um cenário impossível. "Basta olhar o que os chineses fizeram com Hong Kong. O povo taiwanês não seria escravizado. No futuro, creio que isso deveria ser decidido pela própria população de Taiwan", disse.

A mais recente fonte de atrito entre Estados Unidos e China envolve uma possível viagem de Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes, a Taiwan. Pequim classifica a ida planejada da congressista norte-americana a Taipé como uma "provocação". O governo de Xi Jinping avisou que Washington terá que assumir "todas as consequências", caso a viagem realmente ocorra.

O general Mark Milley, chefe do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, admitiu a jornalistas que, se Pelosi solicitar "apoio militar", ele "fará o que for necessário" para garantir que a viagem ocorra com segurança.

FRANÇA

Macron ignora críticas e recebe príncipe saudita

Foi em francês que Hatice Cengiz — noiva de Jamal Khashoggi, o jornalista esquartejado dentro do consulado da Arábia Saudita em Istambul — se pronunciou sobre o encontro entre o presidente da França, Emmanuel Macron, e o príncipe saudita Mohammed bin Salman, em Paris. "Estou escandalizada e indignada com o fato de o carrasco de meu noivo ser recebido com grande alarde no Palácio do Eliseu. É uma vergonha!", escreveu a pesquisadora turca em seu perfil no Twitter. Macron saudou o homem suspeito de ordenar o assassinato de Khashoggi com um longo aperto de mãos, antes de um jantar oficial na sede do governo.

O primeiro giro europeu de MBS (como o líder saudita é conhecido popularmente) desde a morte do jornalista ocorre cerca de duas semanas após a viagem do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, à Arábia Saudita. Organizações de defesa dos direitos humanos criticaram o que chamaram de "reabilitação internacional" do príncipe saudita. "O presidente levantará o

tema dos direitos humanos, como o faz em cada ocasião com Mohammed bin Salman", afirmou um assessor de Macron, sob a condição de anonimato, ao acrescentar que "o líder francês falará de maneira geral, mas também aproveitará para levantar casos individuais".

Agnès Callamard, ex-relatora especial da ONU sobre execuções extrajudiciais que investigou a morte de Khashoggi e secretária-geral da Anistia Internacional, afirmou que "a visita de MBS à França, ou a visita de Joe Biden à Arábia Saudita, não muda em nada o fato de que ele é um assassino".

Denúncia

Coincidindo com a visita, várias ONGs — entre elas a Democracy for the Arab World Now (Dawn), criada por Khashoggi — apresentaram, ontem, uma denúncia em Paris contra Bin Salman por cumplicidade em torturas e desaparecimento forçado. "O jornalista saudita havia pedido que se devolvesse ao reino sua 'dignidade', pondo fim à

Bertrand Guay/AFP



'cruel' guerra no Iêmen e, além disso, tinha denunciado as novas ondas de detenções" na Arábia Saudita em 2017, após a ascensão do príncipe herdeiro, lembrou a ONG Repórteres sem Fronteiras (RSF).

"Aparentemente, Bin Salman

pode contar com Macron para reabilitá-lo no cenário internacional, apesar da morte atroz de Khashoggi, a repressão implacável das autoridades sauditas a críticos e os crimes de guerra no Iêmen", lamentou Bénédicte Jeannerod, da

Human Rights Watch.

Colaborador do jornal *The Washington Post* e crítico de Riad, Khashoggi foi morto por agentes sauditas no consulado do país em Istambul, em 2018. Foi estrangulado e desmembrado. Uma

Emmanuel Macron (E) cumprimenta o príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman, no Palácio do Eliseu: aproximação polêmica

investigação da ONU responsabilizou a Arábia Saudita pela "execução extrajudicial".

Prioridade

Macron se reuniu com Bin Salman na Arábia Saudita em dezembro de 2021. Nos últimos dias, também recebeu em Paris dois líderes aliados da Arábia Saudita: o egípcio Abdul Fatah al-Sissi e Mohamed bin Zayed, dos Emirados Árabes Unidos. "A guerra na Ucrânia colocou os países produtores de energia de volta no centro do tabuleiro, e eles estão tirando vantagem disso", comentou a pesquisadora Camille Lons, adora do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS).